

TAYLOR ADAMS

Do autor de *Sem Saída* – um novo e fascinante thriller psicológico com uma heroína inesquecível.
(A. J. Finn)



PONTE DO MEDO

TAYLOR ADAMS

**PONTE
DO
MEDO**

Tradução: Fábio Alberti

COPYRIGHT © HAIRPIN BRIDGE © TAYLOR ADAMS 2021

Published by special arrangement with Lorella Belli Literary Agency
Limited in conjunction with their duly appointed co-agent
Villas-Boas & Moss Agência Literária.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **ARIADNE MARTINS**

Revisão **BARBARA PARENTE E CRIS NEGRÃO**

Capa e diagramação **VANESSA S. MARINE**

Imagem de capa ©**CHAD MADDEN**, ©**LUKE BESLEY**, ©**MAGDALENA RUSSOCKA**

Imagens do miolo ©**MICHAEL KRAHN**, **VANESSA S. MARINE**

*Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da
imaginação do autor ou são usadas ficticiamente e não devem ser interpretadas como
reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas ou
mortas, é inteiramente coincidência.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Adams, Taylor
Ponte do medo / Taylor Adams ; traduzido por Fabio
Alberti. - São Paulo : Faro Editorial, 2022.
256 p.

ISBN 978-65-5957-190-1
Título original: Hairpin Bridge

1. Ficção norte-americana 2. Mistério I. Título II. Alberti,
Fabio

22-1818

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-073

www.faroeditorial.com.br

PARTE 1

QUATRO FOGUEIRAS



1.

LENA

— VOCÊ É... *A CÓPIA EXATA DELA.*

Lena Nguyen já havia escutado isso antes, muitas vezes. Nem por isso se tornava menos perturbador para ela ser o fantasma vivo de outra pessoa.

— E vocês eram gêmeas?

Ela concordou com a cabeça.

— Idênticas, certo?

Novo aceno afirmativo.

Algo mudou no olhar do patrulheiro rodoviário, e ele pareceu arrependido. Como se tivesse cometido uma ofensa por não ter dito a “coisa certa” desde o começo.

— Eu... Eu quero que saiba que sinto muito por sua perda — disse o policial.

Outra frase batida. Lena trocou um olhar educado com o policial.

— Não consigo nem imaginar como é perder um irmão.

De fato, ninguém podia imaginar.

— Apenas tente viver um dia de cada vez.

Outro grande clássico das frases feitas.

— Você nunca vai superar isso. Mas algum dia deixará isso para trás.

Essa é nova, Lena pensou. Ela acrescentaria a frase à lista.

O cabo Raymond Raycevic tinha concordado em encontrá-la ali naquele estacionamento que era compartilhado por um restaurante de beira de estrada e um posto de gasolina, a cem quilômetros de Missoula. Centenas de pessoas evacuadas devido ao incêndio florestal mantinham o tráfego constante, e a estrada dava num cruzamento perigoso nesse local, com duas curvas cegas e nenhuma sinalização.

O cabo Raycevic era um homem do tamanho de um gorila, enfiado dentro de um uniforme de patrulheiro rodoviário, que se estufava ao máximo para

conter um corpo tão grande. Bíceps e ombros pronunciados e um sorriso gentil. Ele havia apertado a mão de Lena com delicadeza. Raycevic tinha bolsas sob os olhos que se assemelhavam a hematomas.

— Obrigada por fazer isso — ela disse.

— Não há de quê.

— Eu realmente gostei disso... Você sabe. Afinal, é o seu horário de trabalho e tudo o mais.

— O meu turno terminou. — Ele sorriu com o canto do lábio.

O patrulheiro voltou a olhá-la com atenção por um longo momento, ainda espantado, e Lena sentiu uma impaciência familiar. Falar sobre a irmã com estranhos era como ser a personagem de uma história que ela já havia memorizado há muito tempo. Ela sabia exatamente o que Raycevic estava pensando antes que ele abrisse a boca para falar; e quando ele falou, suas palavras foram as que Lena já esperava:

— Me desculpe. É que... Eu não consigo acreditar que você seja *tão parecida* com ela.

Vamos ver o que virá em seguida, ela pensou, contrariada. *Provavelmente aquela conversa de me olhar no espelho etc., etc.*

— Deve ser terrível olhar-se no espelho todas as manhãs — ele continuou. — Dia após dia, tudo o que possa refletir a sua imagem, até mesmo o espelho de um carro, pode simplesmente... pegar você de surpresa e te causar dor.

Ela olhou para o policial.

— Tem a minha simpatia, Lena.

É mesmo? Bem, Ray, nesse momento eu acho que não sinto muita simpatia por você.

Um barulho alto a assustou. Ela se virou para olhar: era uma carreta que havia feito a curva rápido demais. Foi assustador ver dez toneladas de carga sobre rodas deslizando direto na direção deles com os pneus travados. Então o caminhão voltou para a sua faixa, e o cabo Raycevic ficou olhando para o vidro escuro da cabine enquanto o veículo passava, como se esperasse que o motorista se desculpasse.

Mas o motorista não fez isso. O motor acelerou, e o veículo de carga disparou com um estrondo. Lena tirou a franja que havia caído sobre os olhos e viu as letras gravadas no reboque passarem como um filme num projetor: CASCAVEL DO DESERTO. No instante seguinte, o caminhão havia desaparecido, deixando apenas um zunido nos ouvidos dela e o gosto arenoso da poeira.

— Idiota — o policial resmungou.

Eu estou realmente aqui, ela pensou. *Eu realmente estou aqui, fazendo isso.*

A poeira em seus dentes era bem real. Depois de meses de espera, Lena, aos vinte e quatro anos, estava enfim em Montana. A quilômetros de casa.

Seguindo em frente. Fazendo progressos. Outra voz soou em sua mente: *não* se acomode. Não baixe a guarda.

Nem mesmo por um segundo.

Ela se deu conta de que estava enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador e puxando — um tique que tinha desde a escola — e, então, se controlou. Isso a fazia parecer tensa.

Raycevic não percebeu esse gesto. Ele estava olhando para um ponto distante, com os olhos semicerrados.

— A Ponte do Grampo não fica longe daqui, mas você não tem sombra nenhuma quando está lá em cima. O sol brilha como um holofote. Drena a sua energia. Antes de irmos, você precisa de alguma coisa do restaurante? Água, talvez?

— Vou comprar alguma coisa.

— Tudo bem. Vou ligar a viatura. — Ele apontou para o carro.

Lena voltou correndo para o ar-condicionado do restaurante. Ela já havia esperado ali durante horas naquele dia, bebendo café enquanto grupos de bombeiros conversavam. Ela fingiu mexer em um frigobar cheio de energéticos e garrafas de água, e quando teve certeza de que o cabo Raycevic estava ocupado dentro da sua viatura e não a observava através das janelas, voltou para a sua mesa.

Lena tinha um notebook sobre a mesa. Ela checou com cuidado o cabo de força e a conexão com o roteador. Tudo em ordem.

— Obrigada mais uma vez — ela disse à mulher atrás do longo balcão. — Logo estarei de volta.

— Você está fazendo um trabalho da faculdade, não é?

— É, podemos dizer que sim.

* * *

LENA SEGUIU O CARRO DO POLICIAL NA DIREÇÃO LESTE pela rodovia 200 por cerca de quinze minutos. Então Raycevic virou bruscamente para a direita, atravessando duas faixas, como se o desvio o tivesse surpreendido. Lena teve de pisar no freio, e os pneus rangeram no atrito contra o solo.

Da sua janela, o policial se desculpou com um aceno.

Essa outra estrada estava sem manutenção fazia décadas. Ervas daninhas brotavam através das fissuras no concreto descolorido pelo sol. As linhas de demarcação estavam desbotadas. Sobre um portão de metal trancado, uma placa também apagada trazia os dizeres: USO RESTRITO. ENTRADA PROIBIDA. O cabo Raycevic conhecia o código de acesso. Depois de trancar novamente o

portão atrás deles, ele começou a dirigir acima do limite de velocidade. Lena se perguntou se ele a estava testando, tentando levá-la a receber uma multa. Isso seria sacanagem.

Ela resolveu dirigir na mesma velocidade que o policial. Também iria testá-lo.

Lena dirigiu em silêncio. Nada de música nem podcasts desde que havia deixado Seattle pela manhã, porque ela não tinha o plugue correto para conectar aos alto-falantes. Ela tinha receio de tocar no CD player, e no rádio com estações pré-sintonizadas, porque o carro não era dela.

Era de Cambry.

Tinha sido de Cambry.

Dirigir o carro de sua falecida irmã gêmea era uma experiência desagradável. Seu pai havia implorado, com lágrimas nos olhos, para que ela aceitasse ficar com o veículo, argumentando que aquele já rodado Toyota Corolla 2007 era um dos poucos bens restantes da irmã, e vendê-lo seria errado. Talvez fosse. Contudo, a viagem daquele dia rumo às colinas secas do Condado de Howard, Montana, era a mais longa que Lena já havia feito com o Toyota.

Lena não havia mudado nada no carro. Cada detalhe continuava exatamente como a irmã havia deixado. A garrafa de água de um litro no porta-copos ostentava a figura de um super-herói que já tinha vivido seus dias de glória no cinema, mas andava em baixa ultimamente. A caixa térmica cheia de comida estragada. A bateria de reserva, o compressor de ar, a maleta de ferramentas sujas. Os objetos de uso pessoal minimalistas no banco de trás — uma mochila com roupas dobradas que ainda carregavam o cheiro dela, vários sacos plásticos contendo desodorante, pasta de dente e enxaguante bucal. No porta-malas, uma barraca de camping para duas pessoas, uma grelha elétrica e um saco de dormir perfeitamente enrolado. Lena nunca conseguiria enrolar tão firme daquela forma. Jamais.

Eu não estou apenas dirigindo o carro dela, Lena um dia se deu conta de estar, em algum lugar entre Spokane e Coeur d'Alene. *Estou dirigindo a casa dela.*

Como a garota da cidade que era, Lena não podia deixar de se surpreender com o estilo de vida espartano da irmã gêmea. A fita adesiva no volante do carro. Os fios expostos entregando os reparos improvisados no adaptador do acendedor de cigarro. As folhas secas espalhadas (para combater odores, Lena imaginava). Pareceria um profundo insulto mudar ou descartar qualquer coisa nesse veículo, nesse espaço íntimo onde a irmã havia morado com competência por mais de nove meses.

Sendo assim, tudo permanecia intocado.

Até mesmo a comida mofada na caixa térmica. Até a garrafa de água ao seu lado, que tinha cheiro doce sob a luz do sol. Os lábios de Cambry o haviam tocado três meses atrás. Talvez o DNA dela ainda estivesse nele.

“Você é a cópia exata dela.”

O cabo Raycevic não havia reconhecido o carro de Cambry, e isso deixou Lena surpresa. Ele havia encontrado o carro na mesma noite em que encontrou o corpo dela. Então por que não se lembrava do veículo?

A viatura do policial ainda seguia na dianteira — aproximando-se agora de oitenta quilômetros —, então Lena pisou no acelerador e igualou sua velocidade à dele enquanto a estrada começava a subir a montanha. Os pneus se chocavam com força contra o concreto irregular. À sua direita, a terra desaparecia em alguns pontos, dando lugar a uma imensa vastidão, e por um momento Lena considerou quão perto se pode estar da morte na maioria das estradas. Na maioria das vezes, as linhas de demarcação são imaginárias. Você está apenas a uma guinada de distância da pista contrária ou de uma ribanceira. Ela tentou não pensar nisso.

Os pinheiros eram bem altos ali — entre dezoito e vinte metros. Galhos desgastados cozinhavam ao sol, cercados por folhas secas e zimbro estaladiço. Um milhão de acres de material inflamável à espera de uma faísca. E para além do terreno irregular, elevando-se na distância...

Ela sentiu um grande nó na garganta.

Estava lá. A estrutura já estava tomando forma sobre as colinas inclinadas, denteada e ofensiva, e inteiramente feita pelo homem. Um antigo fóssil emergindo da terra.

Ah, Jesus, aí está.

Ela sentiu o peito apertar mais à medida que a forma marrom-ferrugem entrava em seu campo de visão, com seus rebites e vigas mestras afiadas como palitos de dentes ao sol. Tornando-se real bem diante dos seus olhos, e se aproximando cada vez mais de Lena conforme ela avançava na estrada irregular. Lena sabia que estava envolvida agora, que os destinos dela e do cabo Raycevic se entrelaçavam ali. Não era mais possível voltar atrás.

Enquanto se aproximava da estrutura, momentaneamente encoberta por outro monte de pinheiros secos, ela tentou se acalmar um pouco. Nenhum plano de batalha sobrevive ao primeiro contato com o inimigo, não é o que se diz?

Ainda assim...

Parece ser muito maior do que nas fotos.

* * *

ANTES DA MINHA PARTIDA

Postado em 20/09/2019 Por LNguyen

Vou falar sobre uma ponte.

Um precário monstro de aço com uma curva acentuada em sua rampa sul, atravessando mais de cento e oitenta metros de um vale obscuro nos limites de uma cidade de mineradores falida, tornada totalmente obsoleta pela estrada interestadual. A cento e doze quilômetros de Missoula. A ponte em si é um lixo total, essa é a verdade.

E foi nessa ponte que a minha irmã morreu.

Supostamente.

Sei que esse assunto é pesado, caros leitores, e peço que me desculpem por isso. Eu não costumo postar esse tipo de coisa no meu blog *Luzes e Sons*, e sei que isso pode contrariar alguns de vocês. E eu apreciei as palavras amáveis e os votos de pronta recuperação, no Facebook e no Instagram, dirigidos a mim enquanto eu andei sumida nos últimos meses (por razões óbvias). Sim, eu estou de volta ao meu blog, mas não exatamente da maneira que vocês provavelmente esperam. E trago comigo uma postagem que é uma bomba, portanto tratem de apertar os cintos.

Mas, antes de prosseguirmos com a postagem:

Esse não é o meu blog de sempre. Isso não é um livro, nem um filme, nem uma resenha de videogame. Isso não é um discurso político (Deus sabe que esse tem sido um grande ano para isso). Isso não é poesia, nem é peça cômica. Isso – seja lá o que for – é algo que eu preciso postar aqui, em *Luzes e Sons*, para os meus poucos, porém engajados, leitores (isto é, vocês), por motivos que logo ficarão claros. Quando vocês terminarem de ler isso, dependendo do seu fuso horário, talvez eu esteja no noticiário nacional. Por isso, desde já eu lhes peço desculpa se isso arruinar completamente o dia de vocês. Tudo bem? Bom.

Aí vamos nós.

Eu vou passar o meu sábado na Ponte do Grampo. Amanhã de manhã, bem cedinho, vou sair com o carro da Cambry numa viagem de sete horas até a cidade de Magma Springs, Montana, e me encontrar com um policial rodoviário chamado Raymond R. Raycevic. Sim, o nome dele é esse mesmo (aparentemente o “R” estava à venda com um bom desconto no dia em que os pais dele lhe deram esse nome). Por e-mail ele gentilmente concordou em mostrar para mim, a irmã enlutada, o ponto exato onde ele encontrou o corpo da Cambry três meses atrás.

Quanto à Ponte do Grampo... Bem, queridos leitores, esse nome lhes soa familiar? Talvez vocês já tenham ouvido falar dela. Trata-se de uma anomalia arquitetônica, de certo modo, em virtude da sua forma estranha (as encostas do vale necessitam que a estrada descreva uma engraçada curva em S na rampa sul antes de retornar sobre si mesma; passar por ela é como dirigir sobre um gigantesco grampo de metal). A ponte tem outro nome que prefiro não citar aqui, porque, falando honestamente, não gosto das associações que esse nome agora tem com Cambry, e lamento que o nome dela esteja ligado a esse nome para sempre nos mecanismos de busca da internet. Então eu não o usarei.

A Ponte do Grampo é mal-assombrada.

Supostamente (acostume-se a essa palavra).

Acredita-se que haja atividade paranormal nesse lugar. Dizem que o espaço e o tempo são maleáveis em torno da estrutura fixa da Ponte do Grampo, e que quando você a atravessa, passado e presente podem se misturar um pouco. Como uma luz que se reflete numa lente suja.

Eu sei. Não estou sugerindo seriamente que a minha irmã tenha sido assassinada por fantasmas. Mas houve um período, em julho, no qual eu considerei essa possibilidade. Durante algum tempo eu devorei todas as explicações que encontrava sobre tempo alterado e aparições. Escutei todas as gravações de áudio em que pessoas declaravam ter captado murmúrios de espíritos: “Ajudem-me ou deixem esse lugar”. Cheguei até a ler o livro autopublicado, escrito por um homem que passou uma noite acampado sob a ponte (*spoiler*: ele sobreviveu).

É ridículo, mas esse é o abismo em que eu caí depois da morte abrupta da minha irmã. No horror da queda livre, por algum tempo você deixa de ser quem é, de agir como sempre agiu. Você sai em busca de explicações, por mais absurdas que sejam. Essas explicações podem ser mitos, conspirações criminosas, qualquer coisa que dê sentido ao que não tem sentido. Qualquer resposta, qualquer coisa é melhor do que nada.

E agora eu acho que finalmente tenho uma resposta.

(Não, ela não envolve fantasmas.)

Por isso é que estou indo para lá, queridos leitores. É por isso que essa louca por cappuccino e por Seattle partirá amanhã para encontrar uma ponte feia como o diabo, no meio do nada. Por isso é que estou escrevendo isso. E é por isso que não aceitarei nada menos do que a verdade do cabo Raycevic.

Seja qual for o preço por essa busca, eu pagarei.

Eu preciso saber.

O que aconteceu com você, Cambry?

* * *

O POLICIAL ESTAVA ESPERANDO POR ELA NA PONTE. Ele havia estacionado a sua viatura preta à direita, ao lado de um gradil baixo e cinzento; mas Lena sabia que eles podiam estacionar em qualquer lugar. A Ponte do Grampo servia a uma estrada desativada. Não havia tráfego para bloquear.

Na rampa sul, logo depois da curva em forma de grampo que dava nome à ponte, uma placa descorada pelo sol exibia um aviso ilegível sobre o fato de a estrutura ser defeituosa ou de não ter sido inspecionada. Se a intenção era desencorajar o grande número de caçadores de fantasmas que eram atraídos para o lugar, então não tinha surtido efeito. Recentemente alguém havia pintado ali com tinta spray preta os seguintes dizeres: **TODOS OS SEUS CAMINHOS DESEMBOCAM AQUI.**

Estranhamente apropriado, Lena pensou.

Ela estacionou alguns metros à frente do carro do policial, para ter uma rápida rota de fuga em caso de necessidade. Deixou o motor do Corolla ligado por um momento, respirou fundo e prendeu a respiração. A distância de Magma Springs até ali não tinha sido tão longa quanto ela havia imaginado. E agora ela estava lá. E se sentia despreparada.

Eu estou aqui, Cambry.

Ela observou os óculos tortos da irmã sobre o painel de controle. Os minúsculos riscos nas lentes.

Meu Deus, eu estou mesmo aqui.

Pelo espelho retrovisor, Lena viu o cabo Raycevic de pé ao lado da viatura, com o cotovelo na porta, coçando o pulso e fingindo que não estava esperando por ela. Consideração da parte dele. Ele já a havia surpreendido com a sua sensibilidade. Por um lado, era parte do trabalho dele — certamente não era nenhuma novidade para o policial transmitir notícias ruins a famílias enlutadas —, mas Lena suspeitava de que havia algo mais ali. Raycevic também tinha perdido alguém. Ele encobria as marcas assim como ela, outro membro daquele terrível clube silencioso. Uma esposa? Um filho pequeno?

Os pulmões dela começaram a doer. Ela percebeu que estava prendendo a respiração.

Lena desligou o motor e imediatamente se arrependeu. Ela poderia ter demorado mais algum tempo, e queria ter feito isso. Raycevic não se importaria. Agora o policial estava olhando para ela através dos seus óculos escuros, e reparando — sim, esse era o Toyota Corolla azul de Cambry, e Lena dirigiu até aqui com ele. A irmã gêmea da vítima, dirigindo o carro da vítima. Visitando o lugar onde a vítima morreu, como uma sócia macabra.

Se isso o perturbou, Raycevic não demonstrou. Fez um gentil aceno na direção dela com a cabeça, como se dissesse: *Esse é o lugar.*

É *óbvio*.

Ela desceu do carro. O sol era mais forte ali em cima. Miragens tremulavam na pista de cimento da ponte em ondulações líquidas. O ar era parado.

— Você pode ver o incêndio daqui. — Raycevic apontou na direção norte. — Quatro mil acres de Black Lake, e ainda não foi controlado, está aumentando...

— Vem em nossa direção?

— Não, a menos que o vento mude.

Isso bastou para tranquilizar Lena. Ela já tinha preocupações de sobra. Mas a quilométrica nuvem de fumaça era impressionante. Parecia uma visão do fim do mundo no horizonte, um apocalipse em câmera lenta.

— Sabe, eu nunca entendi por que o nome de Ponte do Grampo — ele disse com ar pensativo. — Vejo a curva fechada ali, eu acho, mas isso me lembra mais um daqueles Marbleworks com que as crianças brincam. Sabe do que eu estou falando?

— Sim.

— Um segmento reto com a curva em gancho na extremidade. — Ele apontou. — Concorda? É o que parece para mim. Não um grampo.

Ponte Marbleworks. Não parecia um grande nome em termos de apelo místico.

— Você brinca muito com Marbleworks?

— Todo mundo precisa de um *hobby*.

Por um momento, ele lhe pareceu uma pessoa normal. Isso era bom. E também era completamente falso.

— Você... veio com o carro dela — ele disse, por fim tocando no assunto.

— Pois é.

Ele observou os faróis traseiros com tristeza.

— Eu reconheci o veículo.

— Você se incomoda que eu o grave?

— Perdão?

Lena havia esperado até agora para perguntar, porque desconfiava que seria difícil para ele dizer não quando estivessem na ponte. Ela apontou para o carro.

— Eu trouxe um gravador comigo. Uma coisa velha e esquisita, dá vontade de rir só de ver. Mas o meu psicólogo recomendou que eu... que eu gravasse tudo o que fosse significativo.

Ele não disse nada. Estava pensando.

— Não é só isso. — Ela exibiu um sorriso pesaroso. — Eu filmei o funeral dela, também.

— Você assistiu?

— Algumas vezes.

O policial ficou em silêncio, mas a pergunta “*Por quê?*” estava estampada em seu rosto.

— Você não morre de fato quando o seu coração para de bater. Você morre quando é esquecido. Minha irmã não é mais uma pessoa — ela é uma *ideia*. Eu a levo comigo. Por isso eu preciso preservar cada traço que me resta dela, cada palavra, cheiro e som.

— Até mesmo as coisas negativas?

— Sim.

— Até o funeral dela?

— Assim eu me sinto próxima dela. Como se ela tivesse acabado de ir embora. — É como cutucar uma ferida, Lena quis acrescentar. *Logo você passa a não sentir mais nada, e isso é aterrorizante. A dor traz minha irmã de volta.*

A dor a mantém viva.

Raycevic suspirou. Então fez um aceno positivo com a cabeça.

— Tudo bem, vá em frente — ele disse.

Ela voltou para o Corolla, temendo ter estragado o seu disfarce por usar a palavra “psicólogo”. “Terapeuta” seria mais adequado? Qual a diferença entre um terapeuta e um psicólogo? Lena não sabia, mas Raycevic provavelmente sabia. Ela se inclinou para o interior do carro da irmã e o apanhou — um antigo gravador preto de fitas cassete.

Lena introduziu uma fita no aparelho e apertou um botão.

— Testando.

— Eles ainda fabricam isso?

— Era de Cambry. Da época em que éramos crianças.

Isso o calou. Sob o olhar atento do policial, ela colocou o aparelho no capô do Corolla. Os raios da fita cassete giravam através da cobertura de plástico.

— Obrigada — ela disse, e então falou mais alto ao microfone: — Cabo Raycevic.

— Pode me chamar de Ray.

— Obrigada, Ray. — Lena olhou para ele. — Comece dizendo como você encontrou o corpo dela, por favor.

— Eu estava respondendo a uma chamada. Alguém usou alicate para romper a corrente daquele portão que atravessamos.

— Isso é incomum?

— Acontece algumas vezes a cada ano. Caminhões usam essa rota para ganhar uma hora em suas viagens. Isso aconteceu na noite de 7 de junho. Por volta das onze. Eu cheguei por aquela curva ali, me aproximei da ponte e vi um Toyota azul estacionado aqui.

— Estacionado onde? Pode ser mais preciso?

— Na verdade... — Ele silenciou por um instante. — Exatamente onde você acabou de estacioná-lo.

Ela sentiu uma pontada no estômago, mas logo deixou isso de lado: É só coincidência.

— Eu quase bati na traseira do carro — o policial disse. — Tive que afundar o pé no freio, e derramei café no meu rádio todo. Ainda dá pra ver as marcas de derrapagem no chão.

De fato, havia marcas desbotadas no pavimento, bem no trecho para o qual ele apontou. Marcas grandes, de cor preta.

— Às 11h44, eu me aproximei a pé do Toyota Corolla de Cambry (*o seu*). Estava abandonado. Nenhum ocupante nele. Nenhum sinal de distúrbio. A porta do motorista estava escancarada. Bateria descarregada. Tanque vazio. — Raycevic hesitou, como se se sentisse ridículo. — Mas você tem certeza de que...

— Cada detalhe. Por favor.

— Chequei o restante da ponte, vasculhei as árvores em busca de fogueiras ou de lanternas. Então voltei para a viatura e solicitei uma verificação de placa. Nesse momento, eram onze e cinquenta e um.

Ele é bem preciso com relação aos horários, Lena reparou. Ele havia se preparado.

— Eu me lembro de aguardar enquanto a Central checava a placa, tentando entender o que tinha encontrado. Fiquei ali, limpando o café da minha calça com um guardanapo, olhando para o céu escuro e estrelado, sentindo-me atingido por um terrível sentimento de... injustiça, eu acho. Não me ocorre outra maneira de descrever isso. Era como se estar aqui, nesta ponte, equivalesse a enfiar a mão direita num triturador e tocar o interruptor com a mão esquerda. Isso faz algum sentido?

Não. — mas mesmo assim Lena fez um aceno afirmativo com a cabeça.

Não são só o presente e o passado que se confundem no prisma da Ponte do Grampo, Lena se lembrou de ter lido. *A vida e a morte também são assim*.

— De algum modo, eu simplesmente... — Raycevic mordeu o lábio. — Intuição policial, eu acho. Algo me disse que eu devia voltar para o frio lá fora, frio para o mês de junho, e olhar lá pra baixo pelo gradil. Que a pessoa que abandonou o Corolla talvez estivesse... lá embaixo.

— A Ponte do Suicídio — Lena sussurrou.

— O quê?

— É o outro nome da Ponte do Grampo.

— Não entendo.

— De acordo com as histórias de fantasma, pelo menos. — Ela trançou o cabelo, embaraçada por ter mencionado a palavra *fantasma*. — Pessoas na in-

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2022